

D'Alembert: um conciliador de contrários no século das luzes

D'Alembert: a conciliator of contraries in the century of the enlightenment

Pedro Fernandes Galé
pedrofgale@gmail.com
Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar

Resumo: O texto busca apresentar D'Alembert e sua tentativa de conciliar o empirismo em voga no círculo dos enciclopedistas e o empreendimento racionalista de Descartes. Com esse espírito geométrico, o autor do "Discurso preliminar" da *Enciclopédia* pareceu buscar a conciliação de forças contrárias que se digladiavam no seio do período da ilustração. Nesse registro entre o racionalismo e o empirismo ilustrado o autor se viu diante de grandes questões de seu tempo. Sua relação crítica com a tradição metafísica se mantém na chave do círculo dos *Philosophes*, mas ainda assim o autor buscou manter o espírito geométrico dos grandes sistemas metafísicos do século anterior, o que o levou a uma relação muito interessante com as noções envolvidas no problema da causalidade.

Palavras-chave: D'Alembert; Empirismo; Iluminismo; Racionalismo; Filosofia moderna; Causalidade.

Abstract: The text seeks to present D'Alembert and his attempt to reconcile the empiricism in vogue in the circle of encyclopedists and Descartes' rationalist enterprise. In this geometrical spirit, the author of the "Preliminary Discourse" of the *Encyclopaedia* seemed to seek the reconciliation of opposing forces that were involved in the period of the Enlightenment. In this place between rationalism and enlightened empiricism the author found himself faced with the great questions of his time. His critical relationship with the metaphysical tradition remains in the same key of the circle of the *Philosophes*, but the author sought, nevertheless, to maintain the geometric spirit of the great metaphysical systems of the previous century, which led him to a very interesting relationship with the notions involved in the problem of causality.

Keywords: D'Alembert; Empiricism; Enlightenment; Rationalism; Modern Philosophy; Causality.

No espírito maior sempre há fraqueza,
E, abafada no horror da desventura,
Cede a filosofia à natureza.
(BOCAGE, Soneto LXXIII)

Ao apresentar como porta-voz febril de sua teoria a figura de Jean Le Rond D'Alembert, no célebre *O sonho de D'Alembert*, Diderot não estava apenas colocando romanescamente um embate fictício entre os editores da enciclopédia. Como nos esclarece Starobinski, “ao tomar D'Alembert como interlocutor imaginário, Diderot se representa a si mesmo enfrentando oposição mais poderosa que poderia conceber, pois D'Alembert é o geômetra por excelência, o intelecto que não se permite dobrar senão diante de teoremas devidamente demonstrados” (STAROBINSKI, 2001, p. 69).

O geômetra e autor dos *Elementos de Filosofia* sempre ocupou um lugar ambíguo na história da filosofia; já em seu tempo, o juízo a seu respeito parecia marcado pela comparação, sempre desfavorável, com seus contemporâneos. Que nos baste por ora a opinião de Grimm: “D'Alembert não possui a genialidade do presidente Montesquieu, nem a do Sr. Diderot, nem o estilo elevado e majestoso do Sr. Buffon, nem a eloquência simples e máscula do Sr. Rousseau.” (GRIMM apud PATY, 2005, p. 66). Esse tom se mantém, de alguma forma, até nossos dias, pois mesmo Hankins, autor de *D'Alembert Science and the Enlightenment*, pareceu contribuir para essa visão: “D'Alembert não foi o gigante intelectual que gostaria de ter sido e que alegou que fosse; mas seu papel no século XVIII foi, de qualquer modo, maior do que a soma de suas contribuições específicas no campo da literatura e das ciências” (*Op. Cit.*, p. 1).

A pecha de ser uma figura de pouco brilho e que tem na circulação nos ambientes ilustrados o seu maior mérito implica em um desafio para a leitura de seus textos. Não podemos considerar que o autor do *Discurso preliminar da Enciclopédia* atuasse em tom de glosa, ou que em seus textos vissemos, por meio de uma falta de contribuição própria, o tom das ideias que ganhavam luz na ilustração de modo a configurar uma contribuição quase que meramente histórica da crônica. D'Alembert se inseriu no debate das ciências e do pensamento de seu século como um espírito de conciliação, e desses raros. Conciliação que se apresenta no caráter quase que dúbio de suas posições, que o instalam num lugar em muito específico, entre o sistema e a enciclopédia. Podemos dizer, sem grandes restrições, que seu lugar na filosofia do iluminismo o permitiu tocar quase que todos os aspectos singulares que marcaram o pensamento desse período.

O modo como o geômetra pensou aspectos fundamentais da filosofia traz a lume o tom quase singelo de abordagem. Na questão acerca da causalidade, assunto que lhe coube abordar na *Enciclopédia*, nos verbetes “Causa” e “Causas finais”, esse traço que lhe é tão característico parece ficar muito claro; ao pensar nas ciências mecânicas, restringiu o campo dessa especulação de modo a não permitir grandes voos no campo da especulação sobre as causas imateriais:

Seria desejável que os mecânicos reconhecessem, de uma vez por todas, em alto e bom som, que não conhecemos nada no movimento além do movimento mesmo, vale dizer, o espaço percorrido e o tempo levado para percorrê-lo; que as *causas metafísicas* do movimento são desconhecidas; que o que chamamos de causas, mesmo de primeira espécie [isto é, causas que vêm da impulsão,] não são propriamente causas, mas efeitos, dos quais resultam outros efeitos. (D'ALEMBERT & DIDEROT, 2015, v. 3, p. 44)

Esse modo de pensar que traz elementos que se relacionam à experiência se torna aliado do mais apurado senso de observação e de matematização. Mesmo princípios aceitos de seu tempo como “os efeitos são proporcionais às causas” serão negados por sua distância em relação ao observável. Aquele que afirma esse princípio, nos diz o geômetra, só pode afirmar isso quando “ou não se tem uma ideia clara do que se diz, ou se quer apenas dizer que duas causas, por exemplo, estão uma para outra tal com o seus efeitos entre si” (D'ALEMBERT & DIDEROT, 2015, v. 3, p. 45). A luta contra esse princípio se dá na chave de seu apego ao observável:

Concluamos, portanto, que o princípio do qual falamos é inútil, e mesmo pernicioso. Tudo indica que, não fosse pelo princípio de efeitos proporcionais às causas, não haveria disputa acerca de forças vivas. Todos concordam com os efeitos. Por que não parar por aí? Preferiu-se cultivar sutilezas e, em vez de esclarecimento, o que se produziu foi obscuridade. (D'ALEMBERT & DIDEROT, 2015, v. 3, p. 45).

Ao afastar a ideia de uma causa metafísica e de princípios que em muito se afastavam do observável a intenção é a retirada em uma disputa que tomava muito empenho de estudiosos do movimento e que tornava impraticável o estabelecimento de um modo se abordar os movimentos, e outros eventos da física, que não se dobraria a especulações vãs. Esse traço de seu pensamento, que não se fia a princípios afastados da experiência, trazia características que se viam ligadas à pregnância da discussão e viabilidade de aplicação: “O horror ao vácuo, por exemplo, é um princípio mais que estéril, absurdo.” (D'ALEMBERT & DIDEROT, 2015, v. 3, p. 46). A singeleza de D'Alembert é a do homem de ciências que buscava conciliar os avanços de seu tempo com a tradição do pensamento racionalista. Esse tom conciliador, apesar das restrições aos voos metafísicos que não se vejam embasados naquilo que se pode extrair dos próprios eventos, é algo que determina o pensamento de D'Alembert e lhe dá uma caracterização peculiar no seio dos círculos das luzes.

O *Philosophe* por excelência, Voltaire, reconhecia em seu amigo esse brilho peculiar, como podemos observar em uma carta de 2 de setembro de 1758:

Meu querido filósofo, o senhor pretendia visitar o santo padre e continua em Paris. E eu que não queria de modo algum ir à Alemanha, é de lá que retorno. Encontro ao chegar sua *Dinâmica*. Estou lendo o “Discurso Preliminar”, continuo a admirá-lo, agradeço-lhe de coração. Como vai a *Enciclopédia*? É verdade que Rousseau escreveu contra o senhor e ainda insiste na querela sobre o verbete “Genebra”? [...] Ah, que século, que pobre século! Responda às minhas perguntas e estime um solitário saudosos de poucos homens e poucas coisas, mas que sempre sentirá saudades do senhor, pois o admira e aprecia. (VOLTAIRE, 2011, pp. 198-199)

O homem tido como sem brilho era considerado pela prosa ágil de Voltaire como digno de admiração, juízo que nos deve ao menos insinuar o tamanho de seu vulto. A correspondência entre o autor do *Cândido* e D'Alembert foi prolífera e nos indica um respeito que, sob a pena de Voltaire, se não é único é ao menos muito raro. É nesse ambiente de respeito e grande estima por uma das cabeças de seu século que D'Alembert responde às acusações de Rousseau e sua *Carta a D'Alembert*. O lugar que o autor parece reservar a si parece muito claro na célebre resposta “Carta a J.-J. Rousseau Cidadão de Genebra”. O tom da carta parece colocar diante de nossos olhos a diferença entre os grandes autores que se envolveram em um embate acerca dos espetáculos:

Não me proponho precisamente a responder sua carta, e sim conversar com V. Sa. sobre o assunto da carta e comunicar as minhas reflexões boas ou más; seria perigoso demais lutar contra uma pena como a sua, e não procuro de modo algum escrever coisas brilhantes, e sim coisas verdadeiras. (D'ALEMBERT in ROUSSEAU, 2015, p. 190).

Podemos ver que diante da luminescência dos escritos de seus contemporâneos, D'Alembert preferiu a sua verdade, mesmo que simples ou singela. Essa verdade, ao que parece, trazia uma característica marcante: o espírito geométrico. Algo que aparece em sua obra de modo significativo. Como ele escreve em seu *Tratado de dinâmica*:

Por muito tempo pensamos, e com sucesso, em estabelecer as matemáticas como parte do plano que acabamos de esboçar: aplicamos com gozo a álgebra à geometria, a geometria à mecânica e qualquer uma dessas três ciências a qualquer outra da qual elas sejam base e fundamento. (D'ALEMBERT, 1758, p. 4).

Esse pendor geométrico o aproximava da tradição cartesiana de modo muito peculiar, embora sempre tivesse consciência de que esse modo de abordar as coisas possuísse um limite: “É preciso confessar que os geômetras às vezes abusam dessa aplicação da álgebra à física” (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 75).



E é nessa chave que ele será admirador de Descartes: “Respeitemos Descartes, mas abandonemos sem dificuldades opiniões que ele mesmo teria combatido um século mais tarde” (D’ALEMBERT & DIDEROT, 2015, v. 1, p. 187). Filho de seu século, mesmo essa ligação com o autor de *O discurso do método* não foi impeditivo para que ele, visse a grandeza de empreendimentos como a História natural de Buffon: “Rival de Platão e de Lucrécio, infundiu em sua obra, cuja fama cresce dia a dia, a nobreza, a elevação de estilo tão apropriadas a matérias filosóficas, e que, nos escritos do sábio, são a pintura de sua alma.” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, 193).

Sem essa elevação de estilo, d’Alembert parece ter infundido em suas obras um tom de simplicidade, quase geométrica. Na busca por conhecer melhor a natureza das coisas o geômetra partilhou com seu século a desconfiança em sistemas metafísicos do tipo apriorístico. Não haveria para ele a possibilidade de encarar a metafísica como em Baumgarten, grande representante da metafísica no século XVIII, onde essa era “A ciência dos primeiros princípios do conhecimento humano” (BAUMGARTEN, 2013, p. 99), nem mesmo nos moldes de Wolff, mestre de Baumgarten, que a definia como “Ciência do ser, do mundo em geral e dos espíritos” (WOLFF apud BAUMGARTEN, 2013, p. 99). Não haveria como o círculo ilustrado dos enciclopedistas embasar tal postura diante do mundo e até mesmo das ciências. Na sua maneira de apresentar uma relação com o mundo que não se visse ligada a essa tradição metafísica, retomou a argumentação de Montaigne:

A filosofia se limita, a respeito de uma infinidade de matérias, à divisa de Montaigne: a inteligência divina pôs diante de nós um véu, que em vão tentaríamos rasgar. Triste sorte para nossa inteligência e amor-próprio; boa ventura para o gênero humano. (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 6, 2017, p. 323)

Sua contribuição se deu modo muito característico, o racionalismo do qual se sentia herdeiro tinha de ganhar o seu século de modo diverso do dos séculos anteriores.

Desde sua estreia no mundo das letras, ou seja, nas linhas de seu Tratado de Dinâmica, publicado em 1743, D’Alembert celebra o fato de que “a certeza da matemática é uma vantagem que esta ciência deve principalmente à simplicidade de seu objeto” (D’ALEMBERT, 1743, p. i). É na chave de buscar a simplicidade de princípios que o geômetra terá de se mover mesmo diante de questões muito complexas. Há nele “a primazia de um método que consiste em partir do que é simples”, nos aponta Martine Groult (1999, p. 267). Na sua busca por compreender a natureza do movimento o autor do discurso preliminar, em 1758, parece não ter mais como escapar a algumas questões inseridas por Diderot como centrais ao mundo das ciências, isso coincide com “o lento e dramático processo que culminará na perda irreparável de D’Alembert, que cede às pressões e cede seu posto [de editor da *Enciclopédia*], não sem muitas idas e vindas.” (MATTOS, 2015, p. 31).

O discurso Preliminar de seu tratado, que tanto agradou Voltaire, guarda uma grande coerência com o que se apresentou no texto de mesmo nome que antecedeu o *Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. D’Alembert parece não ter sido surdo ao apelo de seu colega de empreendimento enciclopédico, Diderot, que determinava o esgotamento das ciências geométricas:

Esta ciência se deterá onde a deixaram Bernouille, Euler, Maupertuis, Clairaut, Fontaine e D’Alembert. Terão posto as colunas de Hércules, não se irá mais adiante, e suas obras subsistirão nos séculos vindouros como essas pirâmides do Egito, cujas massas, repletas de Hieróglifos, despertam-nos a ideia surpreendente do poder e dos recursos dos homens que a levantaram. (DIDEROT, 1967, p. 45).

É diante desse opositor tão próximo que o autor do tratado parece querer justificar o seu uso das matemáticas e, principalmente, da geometria, no seu modo de conceber as teorias do movimento dos corpos. Ele não parece aceitar a petrificação em que as ciências às quais se dedicara por toda uma vida se apresentavam nas palavras do autor de *Jacques, o fatalista*. E mais do que isso parece mesmo querer responder a tal petrificação monumental, quando insiste geometria foi a base de sua especulação em

diversos campos, e é em seu *Tratado sobre o movimento dos fluidos*, mais precisamente no prefácio à obra, que ele parece defender a aplicação e a mobilidade dessa ciência:

Este pequeno número de reflexões ainda será pouco para provar o quão importante seja unir geometria e física. É no caminho da geometria que podemos determinar exatamente a quantidade de um complicado efeito, e dependendo de outro efeito mais conhecido. A experiência é quase sempre confundida por nós na comparação da análise de fatos descobertos pela experiência. Demora-se a admitir, no entanto, que os diferentes objetos da física sejam suscetíveis à aplicação também da geometria. Se as inferências de base em cálculo são em pequeno número, ou se são amplas e luminosas, o geômetra, então, tira a maior vantagem delas ao deduzir os conhecimentos de física mais dignos de satisfazer o espírito. (D'ALEMBERT, 1744, p. iv).

Como geômetra e alguém envolvido nas querelas de seu tempo, os modelos de ciência e de filosofia eram, desde sua juventude, um objeto de estudo e análise, “ciência e filosofia são [para D’Alembert] complementares na circunscrição do simples” (GROULT, 1999, p. 246). Esse *Philosophe* embebido de geometria pode ser inserido como que um espírito conciliador de posturas que se viam em querela no século XVIII. Membro dos ciclos dos filósofos mais célebres da França na ilustração, grande correspondente de Voltaire, o autor dos *Elementos de filosofia* não via em Descartes um inimigo, como os outros pensadores iluministas: “Descartes, em meados do século XVII, fundou a base de uma nova filosofia, que foi inicialmente perseguida com fúria, em seguida abraçada com superstição e hoje reduzida ao que de útil e verdadeiro contém”. (D’ALEMBERT, 1994, p. 3). É no ato de buscar o que de útil e verdadeiro poderíamos encontrar no *Corpus* cartesiano que D’Alembert parece ter se colocado diante do abismo que separava seu círculo e os postulados de Descartes, sem que por isso possamos reduzi-lo a um continuador do autor das *Meditações metafísicas*, ainda que sua obra seja em muito marcada pelo pensamento deste último, que ele mesmo chamou de “o mais rígido, e também o mais consequente dos filósofos” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 6, 2017, p. 322)

Outro traço da postura singular de D’Alembert é em relação ao pendor sistemático da filosofia racionalista, se assim como para os racionalistas eles, para ele a simplicidade dos conceitos iniciais é que dava às ciências sua eficiência e sua amplitude, “uma definição será tanto mais clara quanto mais simples for” (D’ALEMBERT, 1994, p. 21), tais conceitos não devem ser confundidos com axiomas. Os princípios, para este empirista racionalista, são “as propriedades mais vivas que a observação nos desvenda na matéria” (D’ALEMBERT, 1994, p. 43), é por conjecturas e não por dedução que vamos chegar ao conhecimento das coisas no mundo. Isso se alia ao modo empirista de lidar com a evidência, mas o caráter *sui generis* de D’Alembert o vai inserir num tipo de relação científica limiar entre essas duas posturas beligerantes, como diz em seu *Discurso preliminar*, a redução dos sistemas, em analogia com Descartes, em princípios simples:

Sendo o objeto de uma ciência necessariamente determinado, os princípios aplicados a esse objeto serão tanto mais fecundos quanto menor for seu número. Essa redução, que os torna mais fáceis de apreender, dá continuidade ao verdadeiro espírito sistemático, que não se deve confundir com espírito de sistema. (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 73).

O espírito sistemático mantém algumas postulações e operações tributárias do cartesianismo, mas sem deixar de relacioná-los com as verdades da experiência - trocando as verdades cartesianas por evidências, o espírito sistemático vai poder proceder com o amparo da construção científica racionalista, mas sem apelar a um espírito de sistema. O espírito sistemático une os conhecimentos, “composto de diferentes ramos, vários dos quais têm um ponto de reunião em comum” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 113), mas não é como o espírito de sistema que em Descartes descrevia assim a filosofia: “A filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica, o tronco a física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências que se reduzem a três principais: a medicina, a mecânica e a moral”. (DESCARTES, 1999, p. 22).

Ao unir o empirismo vigente a um apelo sistemático, de origem racionalista, ainda que enfraquecido, D’Alembert pode fazer uso de expedientes que uniam em sua epistemologia traços das duas correntes, isso fez com que sua postura fosse a mais singular entre os homens de ciência e os *Philosophes*. É exatamente

nessa linha de um espírito conciliador que este autor se introduziu nas rodas onde imperava o mais radical empirismo, para introduzir alguns traços do espírito sistemático que trazia em si muito do que foi apreendido por Cartesius. Ele parece querer seguir um caminho já indicado por Voltaire em suas *Cartas inglesas*, onde admite que Descartes com seu pendor geométrico poderia ter alcançado maior sucesso:

A geometria era um guia que de algum modo ele próprio havia formado, e que poderia tê-lo conduzido com segurança na física; no entanto, abandonou o guia em favor do espírito de sistema. A partir de então, sua filosofia foi apenas um romance engenhoso e, quando muito, verossímil para os ignorantes. [...] Impeliu seus erros metafísicos até o ponto de pretender que dois mais dois são quatro porque Deus o quis. (...) Enganou-se, mas pelo menos com método e com um espírito conseqüente. (...) Ensinou os homens de sua época a raciocinar e a servir-se de suas armas contra ele próprio. Se não pagou com moeda boa, já é muito que tenha desmascarado a falsa. (VOLTAIRE, 1984, p. pp.24-25).

O que podemos perceber é que D'Alembert parece querer buscar um ideal científico que, na esteira da crítica de Voltaire ao cartesianismo, buscava na própria geometria o seu guia, como sugere a décima quarta carta inglesa redigida décadas antes pelo *Philosophe* por excelência. Noutras palavras, o que ele parece ter almejado como ideal é a união da geometria com os dizeres de Montaigne - a geometria pode não retirar o véu da natureza, mais ainda assim ajuda a compreendê-la.

É no bojo de tal consideração que podemos vincular o trabalho de D'Alembert à filosofia de Descartes, na busca de realizar avanços na direção daquilo que sua filosofia possui de útil e verdadeiro que o enciclopedista vai celebrar o fato de que “A ciência da natureza a cada dia adquire novas riquezas: a geometria, ao recuar seus limites, levou sua chama às partes da física que dela se encontravam mais próximas; o verdadeiro sistema do mundo passou a ser conhecido, foi desenvolvido e aperfeiçoado.” (D’ALEMBERT, 1994, p. 4).

É no recuo dos limites da geometria, onde “aplicando a geometria ao estudo [dos corpos que nos rodeiam], ou na tentativa de aplicá-la a eles, aprendemos a perceber as vantagens e os abusos desse emprego” (D’ALEMBERT, 1994, p. 4), que as ciências parecem crescer em termos de aplicação, pois dos corpos celestes a aplicação foi conduzida aos corpos mais ordinários.

Concordando em parte com as premissas de Descartes, essa celebração se coloca como uma espécie de retomada do modelo geométrico, que não pode ser considerado como algo petrificado, para sua ciência. Podemos considerar que é a partir da limitação do escopo da geometria que o iluminista declara “tomarei como exemplo a geometria, que é a ciência mais fecunda em verdades – verdades essas que sustentam umas às outras” (D’ALEMBERT, 1994, p. 47). É na tentativa de mobilizar uma teoria das ciências que não desarticule suas particulares aplicações que um impulso geométrico vai ter lugar. Não se trata, como geômetra, de apenas elevar uma ciência por sobre as outras, mas de manter uma relação entre os conhecimentos antes isolados. Mesmo numa obra como a *Enciclopédia*, não há de haver um isolamento dos conhecimentos, os editores devem, “expor, tanto quanto possível, a ordem e o encadeamento dos conhecimentos humanos” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 47) e esse esforço nos leva a assumir outra tese: a de que “é fácil perceber que as ciências e as artes se auxiliam mutuamente e que há, por conseguinte, uma cadeia que as une entre si.” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 47).

Nessa busca por ordenação o processo vai seguir os moldes da filosofia cartesiana, pois admite que “Não há ciência ou arte com as quais não se possa, a rigor, e com boa dose de lógica, instruir o espírito mais limitado, pois há poucas cujas proporções ou regras não possam ser reduzidas a noções simples e dispostas entre si numa ordem.” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 87). A ideia de redução a simples princípios introduzida no *Discurso do método* nos seguintes termos, “não me foi penoso procurar por quais (princípios) começar, pois já sabia que deveria ser pelos mais simples e fáceis de conhecer (...)” (DESCARTES, 1994, p. 55). A redução ao modo cartesiano trazia essa característica da simplicidade dos princípios, mas em seu construto teórico esses princípios, como nos mostra a carta prefácio aos *Princípios*

da filosofia, aqueles, a partir dos quais “se possa deduzir o conhecimento das coisas que dependem deles”, são relacionados às primeiras causas: “E para que este conhecimento [a filosofia] possa ser assim [um conhecimento perfeito de todas as coisas que o homem pode saber] é necessário deduzi-lo das primeiras causas, de tal modo que para conseguir obtê-lo – e isto se chama filosofar – há que se começar pela investigação dessas primeiras causas, ou seja, dos princípios” (DESCARTES, 1999, p. 15).

D'Alembert vai manter esse preceito de reduzir ao mais simples todos os preceitos da ciência “De fato, mais se diminui o número dos princípios de uma ciência, mais lhe dá extensão” (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, pp. 71-73). Mantendo a analogia geral com as ciências matemáticas e o clamor por uma redução a simples princípios, em detrimento de vastos e complicados fundamentos, o filósofo nos apresenta um grande contraste com a posição de Diderot. Pois não deixa de celebrar “a aplicação da álgebra à geometria” empreendida por Descartes e, diante da renovação da filosofia empreendida por ele, não deixou de se manifestar: “Descartes ousou mostrar, aos espíritos predispostos a aceitá-lo, como sacudir o jugo da escolástica, da opinião da autoridade” (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 169). Nessa busca por princípios simples e que não se fiem a uma autoridade preestabelecida, o ilustrado geômetra vai dar aos sentidos uma centralidade epistemológica desconhecida por seu antecessor.

É no modo a que chegamos a esses princípios que a grande diferença surge entre ambos. D'Alembert não se via em uma situação arriscada ao declarar que “é às nossas sensações que devemos todas as nossas ideias” (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 49). Seguindo no combate diz que “o sistema das ideias inatas, sedutor em muitos pontos e mais impressionante talvez por ser menos conhecido, conserva ainda alguns partidários, tamanha a dificuldade que a verdade enfrenta para retomar seu lugar” (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 49). Talvez esse respeito nos aponte para o singular aspecto de seus escritos filosóficos: uma fusão entre partes da filosofia empirista, principalmente o início dos saberes pelas sensações, e a organização embasada no racionalismo cartesiano.

Suas preocupações epistemológicas sempre ocuparam o seu trabalho, D'Alembert sempre inseriu algo nesse sentido em seus textos científicos, mas é na *Enciclopédia* que seus delineamentos sobre a metafísica e a epistemologia vão ganhar contornos mais nítidos. Se a historiografia sempre separou as caracterizações do método moderno da ciência entre os empiristas ingleses, Bacon, Newton e Locke de um lado; e o racionalismo encarnado por Descartes e Leibniz, em D'Alembert há a busca de uma conciliação dos inconciliáveis: se estava de acordo com alguns aspectos da escola insular, ou seja, a substituição da dedução pela indução, da certeza plena pelo provável e útil e da matriz inata das ideias pela direta impressão dos sentidos, ainda assim seu expediente parece, em muitos aspectos, ser vinculado ao método cartesiano de modo incontestado.

No seu *Tratado de dinâmica* podemos ver uma declaração que já nos indica o modo como o autor buscou conciliar esses contrários:

As leis produzidas por experimento têm uma verdade contingente, posto que elas parecem jorrar de uma decisão particular do Ser supremo; por outro lado, se essas leis concordam com aquelas que se deduz da lógica apenas, sua verdade é necessária. O que não significa que o Criador fez dois tipos de lei, mas sim que não se pode ter certeza ao estabelecer outras leis além daquelas que resultam da verdadeira existência da matéria. (D'Alembert, 1758, p. XXIV).

As leis contingentes seriam, para D'Alembert, aquelas observadas pela investigação empírica, para um empirista, esse seria o único tipo de lei que existiria, mas o geômetra admite leis necessárias, desde que se estabeleçam pela uniformidade da ordenação que observamos na natureza concorda com as que provém da matéria abandonada a si mesma por meios que a relacionam com a lógica. Para D'Alembert “Toda a lógica se reduz a uma regra muitíssimo simples: para comparar objetos distanciados, servimo-nos de muitos objetos intermediários”. (D'ALEMBERT, 1994, p. 52). É pela lógica que, mesmo diante da incerteza ao estabelecer certas leis, podemos avançar por conjecturas, pois “a arte de conjecturar é



(...) um ramo da lógica tão essencial quanto a arte de demonstrar. (...) Não obstante, quanto mais a arte conjectural é imperfeita por natureza, mais temos a necessidade de regras para nela nos conduzirmos” (D’ALEMBERT, 1994, p. 54).

Sua preocupação de chegar a uma racionalização na ciência do movimento, sua busca por ordenação dos fenômenos e do conhecimento, sua concepção de evidência, nos serviriam de base para pensarmos que as raízes cartesianas do geômetra eram muito profundas, mas se afastavam de seu modo de proceder:

O espírito que não reconhece a verdade senão quando é diretamente atingido por ela está muito abaixo daquele que não apenas sabe reconhecê-la de perto, mas também pressentir e observá-la à distância em caracteres fugazes. É principalmente isto que distingue o espírito geométrico, aplicável a tudo, de espírito puramente geômetra, cujo talento está restrito a uma esfera estreita e limitada. O único meio de exercer com vantagem um e outro e de fazê-los andar num passo mais ou menos igual é não limitar suas pesquisas aos únicos objetos passíveis de demonstração; conservar a flexibilidade do espírito sem mantê-lo sempre curvado para as linhas e cálculos, e temperar a austeridade das matemáticas com estudos menos severos. Enfim, acostumar-se a passar sem esforço da luz para o crepúsculo. (D’ALEMBERT, 1994, p. 54)

Aqui, mais uma vez, o espírito conciliador do autor desse *Ensaio sobre os elementos de filosofia* se torna patente. Não podemos nos limitar apenas ao que se nos revela por uma clareza evidente temos de “distinguir as gradações de uma luz fraca” para que não cometamos o erro de “ver somente trevas densas onde outros ainda entreveem alguma claridade” (D’ALEMBERT, 1994, p. 54). Se seguirmos no *Discurso preliminar* e acompanharmos suas passagens de perto, veremos que mesmo quando se trata de entender o funcionamento do espírito humano ele, diante desse modo conciliador, trará à socapa de seu anunciado empirismo, muitos traços da filosofia cartesiana. Depois de estabelecer, nesse texto que abre a obra máxima do iluminismo francês, as sensações como fonte de nossos conhecimentos, D’Alembert vai usar de um recurso cartesiano para fundamentar os nossos conhecimentos, ou seja, a própria noção do ser pensante, que não deixa de trazer em si certas semelhanças com o *cogito*: “A primeira coisa que nossas sensações nos ensinam, algo inseparável delas, é a nossa existência. Do que se conclui que nossas primeiras ideias refletidas devem recair sobre nós mesmos, isto é, esse princípio pensante que constitui a nossa natureza.” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 49).

A primeira condição de nossas representações passa a ser essa espécie de consciência de si, é muito próxima do que fez Descartes a partir da primeira certeza. Esse princípio pensante é condição de si mesmo e com ele podemos avançar na direção de conhecimentos externos. Sem colocar essa noção no estatuto de substância que basta a si mesma e de se pensar clara e distintamente, a questão avança para que não nos contentemos com a estrutura idealista.

É na condição primeva de consciência pensante que se vai repousar o primeiro movimento na direção do conhecimento que se dirige a objetos que nos são externos, não há como negar uma retomada clara do expediente racionalista, pois não é da percepção do mundo que se parte, mas da percepção de si e de sua característica racional que os conhecimentos se vão gerar. O primeiro conhecimento, ainda mesmo que ligado às sensações, é a consciência de existir, esse expediente cartesiano nos remete a um outro aspecto central, pois “Como nossa alma se lança para fora de si mesma para assegurar-se da existência do que não é ela? Todos os homens transpõem esse ilimitado espaço, todos o transpõem rapidamente e da mesma maneira” (D’ALEMBERT, 1994, p. 88). Mais do que uma ordem meramente temporal, ou seja, de que o primeiro estado da consciência é anterior ao segundo numa escala de tempo, a antecedência é formal. Os objetos que se localizam para fora do sujeito são conhecidos graças a possibilidade desta noção que o sujeito tem de si enquanto pensante. Há uma dependência do objeto exterior em relação ao sujeito enquanto consciente de sua ação em relação aos objetos, pois o segundo passo na direção do conhecimento é consciência “[da] existência dos objetos externos, dentre os quais nosso próprio corpo deve estar incluído, visto que ele nos é, por assim dizer, exterior, antes mesmo de termos discernido a natureza do princípio que que em nós pensa” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 49).



Isso não nos prende em um idealismo, tampouco nos apreende numa situação de solidão absoluta. Longe de usar do artifício da dúvida, diante desse “princípio pensante que constitui a nossa natureza” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 49) temos de agora ter uma condição para o conhecimento daquilo que nos é exterior. Como não há o recurso a uma dúvida fundamental nesse prospecto, a saída não precisará ser a da recusa de tudo que nos é exterior, não nos encontraremos numa situação análoga àquela que Descartes se encontrava no início de sua segunda meditação: “Como se, de súbito, tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona” (DESCARTES, 1994, p. 124)

O recurso a este princípio individual, na base toda a nossa noção do mundo, não pode ser estabelecido como um fim, temos de ser arrancados dessa “solidão”, se o primeiro conhecimento que devemos a nossas sensações é a consciência de nossa existência, o segundo deve ser o da existência dos objetos. A certeza do primeiro nos é inata, não exige um raciocínio posterior, mas ele nos valida apenas o exercício do pensamento, é na relação com os objetos exteriores que qualquer conhecimento científico poderá ser validado. Não sendo inata a certeza do segundo conhecimento nos vem da percepção da multiplicidade, da coerência e da constância das sensações que se impõem a nos mesmo que não queiramos.

A questão agora é a da validade desse mundo exterior para além do âmbito do sujeito, pois ele atesta que “De fato como não há qualquer relação entre uma sensação e um objeto que a ocasiona ou ao qual nos referimos, não parece que se possa encontrar, pelo raciocínio, passagem possível de um para outro” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 51). É aqui que se considerarmos o autor um herdeiro de Locke, nos colocamos em problemas, pois é um “instinto, mais seguro que a própria razão, que pode nos forçar a transpor tal intervalo” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 51). Esse instinto profundamente ancorado em nós nos assegura o elo entre o real e o pensado. Nos seus *elementos de filosofia* ele vai aclarar um pouco mais este ponto: “Basta portanto estudarmos a nós mesmos para encontrar em nós todos os princípios que servirão para resolver a grande questão da existência dos objetos exteriores.” (D’ALEMBERT, 1994, p. 88). E como a existência dos objetos exteriores é algo que se coloca ao conhecimento e do qual este deve partir, ela é algo que pode ser vista como princípio do conhecimento. Nessa solução a partir desse instinto, destaca Veronique Le Ru:

D’Alembert demonstra uma habilidade e uma modéstia muito grandes diante da questão acerca da existência dos corpos. Habilidade, porque, à maneira de Hume, ele reduz a questão a um problema da natureza humana nos convidando a confiar em nossa economia natural. Modéstia, porque, também ao modo de Hume, ele apresenta seus argumentos como um meio para contornar legitimamente a questão. (LE RU, 1994, p. 148)

A solução por meio de um instinto, racional, na base de uma teoria que deve abolir as ideias inatas, não deixa de nos surpreender, e é por meio deste instinto, ligado à nossa própria natureza, que o autor avança da segunda para a sexta meditação de Descartes. Ele faz isso sem utilizar de um artifício como a dúvida, pois essa o ligaria aos “filósofos de que nos fala Montaigne, que, se interrogados sobre os princípios das ações humanas, procuram saber se ainda existem homens.” (D’ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 51).

Nessa busca por avançar quase que instintivamente é que ele vai tratar do movimento dos corpos, por exemplo, sem tratar do problema das forças vivas e sem buscar conhecer as causas motrizes. Ele desprezou “por completo as forças inerentes aos corpos em movimento” (STAROBINSKI, 2001, p. 69). Para ele as causas motrizes são “seres obscuros e metafísicos, que não são capazes de mais do que espargir as trevas em uma ciência por si clara” (D’ALEMBERT, 1758, p. xvii). A própria noção de força para ele não deve avançar em noções metafísicas como as *forças vivas*: “não temos a ideia precisa e distinta da palavra força, usamos este termo para expressar um efeito” (D’Alembert, 1758, p. xxii). Avançar na noção de força para além de seus efeitos seria danoso, pois a palavra força “não pode mais consistir apenas em um disfarce metafísico muito fútil, ou em uma disputa de palavras ainda mais indigna de ocupar os filósofos.” (D’ALEMBERT, 1758, p. xxii). No verbete sobre as causas finais o autor vai escrever:

Se é nocivo servir-se de causas finais *a priori* para encontrar as leis dos fenômenos, pode ser útil, e é ao menos curioso, mostrar como o princípio das causas finais concorda com as leis dos fenômenos, desde que se comece por determinar essas leis a partir de princípios mecânicos claros e incontestáveis. (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 3, 2015, p. 47).

A causalidade para d'Alembert parece ocupar o lugar de um princípio de pensamento, que inserimos nas coisas diante do nosso instintivo modo de conhecer, ela é suposta no acordo com as leis de movimento, e não como a fonte das deduções deste. Segue-se que, de acordo com Pedro Paulo Pimenta, “nenhuma investigação da natureza, reconhece de bom grado D'Alembert, poderia produzir frutos, se não estiver munida de princípios *a priori*, entendidos como hipóteses, mas também, e principalmente, como princípios acumulados pela investigação prévia.” (PIMENTA, 2018, p. 129). É na soma dos eventos, ordenados logicamente que se poderá pensar e atuar conforme uma causalidade que é lógica, ou seja, a missão do geômetra, diante da multiplicidade de eventos é a de “acumular o maior número possível de fatos, e dispô-lo na mais natural das ordens, e liga-los a um certo número de fatos principais, dos quais os outros sejam apenas consequência” (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 1, 2015, p. 73).

Para entendermos essa centralidade do saber acumulado que nos baste o verbete experiência escrito por D'Alembert na *Enciclopédia*: “Experiência é a verificação do efeito que resulta da aplicação de um corpo natural a outro ou da aplicação do movimento a um corpo natural, a fim de descobrir certos fenômenos e suas causas.” (D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 2, 2015, p. 278). Aqui a causa eficiente entra em cena como uma causa física, que exige uma ordenação que é, no mais das vezes, baseada em hipóteses e investigações prévias diante de uma luz crepuscular. Temos de avançar. Temos, lançando mão deste expediente, de tentar progredir nos saberes e de algum modo nos livrar de um mal estar, apontado por Formey, no verbete atomismo da *Enciclopédia*, advindo do operar diante de um mundo onde “o todo foi feito por acaso, o todo se mantém por si mesmo, e as espécies também se perpetuam pelo acaso: o todo se dissolverá um dia por acaso.” (FORMEY in D'ALEMBERT & DIDEROT, v. 6, 2017, p.69).

Diante deste passo que nos permite avançar somos tentados a pensar o modo como operam como vinculados àquilo que Diderot chamou de extravagâncias, antes de iniciar as conjecturas de seu *Da interpretação da natureza*, pois “não se pode dar outro nome a esta cadeia de conjecturas, fundadas sobre tão longínquas oposições ou semelhanças de tal modo imperceptíveis, que os delírios de um doente não pareceriam mais desalinHAVADOS ou mais estranhos.” (DIDEROT, 1961, p. 197). Não é por acaso que é da boca do seu amigo geômetra ardendo em febre que serão elencados elementos conjecturais fundamentais da teoria de Diderot, em febre, D'Alembert exclama: “um ponto vivo... Não, estou enganado. Nada a princípio, depois um ponto vivo! A este ponto vivo é aplicado outro, depois outro; e por semelhantes aplicações sucessivas resulta um ser uno, pois eu sou realmente uno, eu não poderia duvidar disso! (dizendo isso, ele se apalpa em toda parte.)” (DIDEROT, 2000, p. 166) O autor que tinha na simplicidade o seu ideal é reduzido ao que há de mais simples em geometria: um ponto. Na pena ferina de Diderot a geometria tão cara a seu colega é aplicada à ciência das formas vivas, mas mais ainda, apresenta o seu amigo que tinha na simplicidade o seu ideal com as dimensões insondáveis de um simples ponto. Se pensarmos na primeira “Definição” dos *Elementos* de Euclides, D'Alembert, o conciliador de contrários, é reduzido por seu amigo “àquilo de que nada é parte” (EUCLIDES, 2009, p. 97).

Referências

BAUMGARTEN, A. *Metafísics*. C. Fugate e J. Hymers (trad.). Nova York. Bloomsbury: 2013.

D'ALEMBERT, J. “Carta a J.-J. Rousseau Cidadão de Genebra” in ROUSSEAU. *Carta a D'Alembert*. Roberto I. Ferreira (trad.). Campinas. Editora da Unicamp: 2015.

_____. *Ensaio sobre os elementos de Filosofia*. Denise Bottmann (trad.). Campinas. Editora da Unicamp: 1994.

_____. *Traité de dynamique*. Paris. David Libraire: 1741.

_____. *Traité de dynamique*. Paris. David Libraire: 1758.

_____. *Traité de l'équilibre et du mouvement des fluides*. Paris. David Libraire: 1744.

D'ALEMBERT & DIDEROT. *Enciclopédia*, 6v. Pedro P. G. Pimenta e Maria das Graças de Souza (Org.). São Paulo, Unesp, 2015-2017.

DESCARTES. *Obra escolhida*. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. (trad.). São Paulo. Difel: 1994.

_____. *Princípios da Filosofia*. João Gama (Trad.). Liboa. Edições 70: 1999.

DIDEROT, D. *O sonho de D'Alembert*. Tradução: Jacó Guinsburg In *Obras I, Filosofia e Política*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Oeuvres philosophiques*. Paul Vernière (org.). Paris. Garnier: 1961.

_____. *Pensamentos sobre a interpretação da natureza*. In *Obras filosóficas*. Nelson da Fonseca Pires (trad.). Rio de Janeiro: Clássicos de Bolso, 1967.

EUCLIDES. *Os elementos*. Irineu Bicudo (trad.). São Paulo. Unesp: 2009.

GROULT, M. *D'Alembert et la mécanique de la vérité dans l'Encyclopédie*. Paris. Honoré Champion: 1999.

HANKINS, J. *D'Alembert Science and the Enlightenment*. Oxford. Clarendon Press: 1970.

LE RU, V. *Jean Le Rond D'Alembert philosophe*. Paris. VRIN: 1994.

MATTOS, L. F.F. de. "Árvore do saber" in D'ALEMBERT & DIDEROT. *Enciclopédia*, v. 1. Pedro P. G. Pimenta e Maria das Graças de Souza (Org.). São Paulo, Unesp, 2015.

PATY, M. *D'Alembert*. Flávia Nascimento (trad.). São Paulo. Estação Liberdade: 2005.

PIMENTA, P.P. *A trama da natureza*. São Paulo. Unesp: 2018

STAROBINSKI, J. *Acción y reacción. Vida y aventuras de una pareja*. Eliane Isoard (trad.). Cidade do México. Fondo de cultura económica: 2001.

VOLTAIRE. *Cartas iluministas*. André Telles e Jorge Bastos (org.). Rio de Janeiro. Zahar editores: 2011.

_____. *Cartas inglesas in Os pensadores*. Marilena Chaui (trad.). São Paulo. Abril cultural: 1984.

Recebido em 3 de maio de 2019. Aceito em 27 de novembro de 2019.